

ECONOMIA

Economia - Brasil
Ermírio afirma que Brasil

Brasília — “O Brasil não vai escapar de ir buscar dinheiro no Fundo Monetário Internacional (FMI)”, desabafou o presidente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, após falar no encerramento do 2º Seminário Internacional sobre Empresas Públicas. A decisão do Governo de aumentar para 45% o compulsório dos bancos foi considerada pelo empresário como uma medida de “nítido caráter recessivo, porque vai impor limites adicionais às pequenas e médias empresas na obtenção de crédito”.

Pessimista, Ermírio de Moraes lembrou ao Governo a necessidade de serem adotadas medidas energéticas na área econômica porque, caso contrário, “o Brasil se tornará inviável”. Elogiou a decisão oficial de encarecer em 25% o dólar para quem viaja ao exterior enfatizando que o “Brasil não tem dinheiro para ficar subsidiando dólar destinado ao passeio de brasileiros no exterior”. E arrematou:

— Isso é coisa de república latino-americana irresponsável. Sinceramente eu parto do seguinte princípio: quem viaja para o exterior, presumivelmente, é gente que tem posse e pode comprar dólar no câmbio negro.

Toronto

A austeridade monetária imposta pelo Governo, opinou Moraes, deve ter sido o resultado de uma avaliação sobre o acontecido na recente reunião do FMI em Toronto, no Canadá, onde o Brasil “não conseguiu o que queria”. Sendo assim, no entender do empresário, não existe outra solução para o Brasil que não seja apertar o cinto.

Mesmo achando as recentes medidas como recessivas, Ermírio de Moraes as considerou necessárias “se quisermos reduzir a inflação”. A preocupação do industrial está com os efeitos negativos do aperto monetário, especialmente o desemprego.

Como receita para minorar as consequências do desemprego urbano, Ermírio de Moraes defendeu uma política global voltada para a fixação do homem no campo. Segundo ele, a saída brasileira está na agricultura porque, no campo, “você resolve rapidamente o problema do emprego e do retorno do dinheiro podendo pagar um empréstimo externo a curto prazo”. O mesmo não acontece com o industrial, raciocina o presidente do Grupo Votorantim:

— Na industrialização fica muito caro. Você toma um empréstimo e leva até seis anos para instalar a fábrica e mais outro tanto para tirá-lo do “vermelho”.

O mesmo raciocínio foi utilizado pelo empresário para analisar os projetos iniciados no Governo Geisel — Tucuruí, Programa Nuclear, Itaipu — que, em andamento já há seis anos, até hoje não foram concluídos. O resultado disso, segundo Ermírio de Moraes, foi uma pesada dívida externa herdada pelo Governo Figueiredo, 55 milhões de dólares, à época.

Diante desse quadro, assinalou, “não nos cabe culpar o estrangeiro pelos nossos problemas econômicos”.

Os banqueiros estrangeiros fizeram um bom negócio emprestando dinheiro ao Brasil, comentou, “embora tenham tido uma alta taxa de risco”. Segundo Ermírio de Moraes, “tem uma hora em que o endividamento chega a um limite máximo e isso tem dificultado a entrada de dólares para a economia nacional”. Concluiu dizendo que houve um exagero do Governo na obtenção de empréstimos externos. “Basta ver que o Executivo é responsável por 60% da dívida externa brasileira, calculada em 70 bilhões de dólares”. E criticou com ênfase o Programa Nuclear.

NEGÓCIOS

São Paulo, 17/9/82
não escapa de ir ao FMI